

CABOCLOS E BOIADEIROS NO CANDOMBLÉ: MINHA VISÃO

Carlos Vinícius Silva¹

DOI: 10.26512/revistacalundu.v6i1.43893

De antemão, considero justo e necessário saudar a todos os indígenas nativos brasileiros que ainda temos, referenciando, pois, nossos antepassados, aqueles que deram condições para que tudo o que temos hoje fosse possível. Portanto, salve todos os herdeiros verdadeiros desta terra! Salve a todos que vieram primeiro!

Agora sim me considero no direito de iniciar de fato meu texto, que será um breve pensamento/análise sobre os caboclos brasileiros, título este dado aos espíritos de antepassados que hoje, pela mediunidade – que segundo o médium formulador da Doutrina Espírita, Alain Kardec, é intrínseca ao ser humano (e creio que por permissão divina) – temos a graça de seus retornos ao plano terreno.

Apesar de meus poucos 28 anos de vida e somente 1 ano e meio de iniciado como Muzenza no Candomblé de Angola, volto ao meu tempo de escola, em que nas aulas de História me recordo da minha professora lecionar sobre a história do descobrimento, colonização e escravidão nas terras de Vera Cruz, hoje Brasil. Não me apoiarei em todo o narrado, mas me aterei apenas ao recorte no tempo em que houve o encontro dos povos bantos com indígenas.

Não consigo nem imaginar como deve ter sido, nem mesmo me colocando na posição daqueles que foram desterrados e para cá trazidos, nem tampouco dos que aqui já estavam. O que me é possível apenas supor é o choque ambiental e posteriormente o cultural e religioso. Fato é que apenas as semelhanças cartográficas entre os continentes africano e americano não os fazem iguais em suas características climáticas, culturais e afins...

Pois bem, agora dou um salto no tempo de minha própria história religiosa, e me recordo do ano de 2013, quando conheci a Umbanda e por ela me apaixonei na segunda vez em que fui, pois da primeira, gozava do preconceito religioso que grande parte das pessoas infelizmente ainda têm. Me lembro que estava rígido fisicamente e mentalmente

¹ Muzenza Mubanjji. Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkosi. E-mail: kaka_silva84@hotmail.com

para tudo o que estava acontecendo naquele ambiente. O que mais me marcou neste dia foi quando me conduziram para tomar um passe com um caboclo que segurava algumas folhas de manga. Naquele momento em que ele me dava o passe, meu coração parecia pegar fogo, meu corpo tremia, minhas pernas bambearam, fiquei zozinho e por pouco não caí. Hoje eu entendo o motivo, mas fato é que tudo aconteceu após a segunda sessão nesta casa, pois lá era servido o chá de *ayahuasca* e foi por meio dele que minha visão mudou completamente.

De todas as experiências que eu tive com esta bebida, citarei duas das que mais me marcaram em relação aos caboclos. Uma foi uma visualização de um indígena com toda sua indumentária e um nome que ecoava em minha mente: “botocudo”. Na outra, me senti totalmente na mata, ou melhor, como parte dela.

Como filho de Umbanda e membro da corrente, uma das experiências mediúnicas que mais me impactaram foi no desenvolvimento quando, incorporado do boiadeiro, tive o prazer de vivenciar a mediunidade olfativa. Do que me recordo, no momento em que ele riscava o seu ponto no chão, pude sentir um forte e prazeroso cheiro de sola e couro curtido.

Em 2015, quando *ndumbe* na Nzo Ngunzo Kukia, na cidade de Azurita, distrito de Matheus Leme, Minas Gerais, tive contato com o *Caboclo Rei Sol* e a *Cabocla Janaguara*. Sem fazer comparações, mas analisando, pude perceber algumas diferenças no culto e manifestação em relação à Umbanda. Ali meus olhos brilharam por tamanha riqueza de detalhes e suas energias. Suas cantigas, seus movimentos e gestual me encantaram logo no primeiro momento. Meu segundo contato com o boiadeiro que me acompanha foi nesta casa. Aproveitei o momento e manifestei minha gratidão aos Nkisis Nkasuté e Ndandalunda, que me permitiram ser filho de sua casa e não somente conhecer os caboclos e boiadeiros que lá se manifestam, mas também o Candomblé.

Por força do astral superior e do destino, assim acredito, em 2017 fui encaminhado até minha presente casa, Nzo Kuna Nkosi, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, onde fui iniciado em outubro de 2020. Em 2021 tive a honra de efetivamente fortalecer meu elo com o Boiadeiro *Seu Campina Verde*. A este senhor manifestei minha profunda gratidão, por me escolher para ser literalmente seu “kavalu” e protegido. Agradeço aqui a meu Pai, Tatetu Nkosi, por me permitir fazer parte desta casa, e a Tatetu Nepanji, por me abrir as portas para ser também morada de meu Pai.

Narrado um pouco da minha trajetória espiritual, direi um pouco mais do que são os caboclos e os boiadeiros no Candomblé segundo entendo. Conforme iniciei meu relato

dizendo da ancestralidade, talvez eu não extrapole ao dizer que nossos caboclos são nossos antepassados mais distantes e até mesmo nossos ancestrais divinizados. Ora, se entrarmos um pouco na ancestralidade iorubana e fizermos uma breve correlação, por que não sintetizar o mesmo? Arquetipicamente, quantos “Oguns” não havia numa aldeia? Quantas “Oxuns”? Dito isto, por um prisma longe da ligação com o Candomblé, podemos então concluir que temos hoje nossos ancestrais divinizados nos caboclos, boiadeiros e pretos-velhos, estes essencialmente brasileiros.

Pelo menos dentro do meu espectro de visão, os Candomblés de Nação Congo/Angola trazem este culto dentro de si. Voltando um pouco na história, foram os povos centro-africanos que chegaram escravizados primeiro ao Brasil e fizeram o contato com os indígenas, o que possibilitou a troca cultural entre si e a miscigenação. Marca deste forte elo e respeito, é que ainda podemos observar na maioria das casas de Candomblé Angola, no dia 07 de setembro, data da Independência, acontecer a festa dedicada aos caboclos e boiadeiros e, ainda assim, quando não nesta data, é dedicado algum momento a eles. Sem entrar em fundamento e indo numa lógica botânica, creio que os indígenas muito contribuíram para que os negros escravizados pudessem substituir uma planta ou outra para viabilizar seus cultos, haja vista que naturalmente cada planta tem sua forma de cultivo, bem como natureza primordial e origem específica.

São evidentes as fortes marcas desse entrelace cultural, o que permite o culto aos ancestrais brasileiros, o que em minha visão, fortalece e caracteriza os Candomblés de nação Congo/Angola. Mas saliento que não entendo como culto exclusivo destas, pois muito pode variar a contar pela história de cada sacerdote das demais nações, pois, muitos advêm da Umbanda e optaram por não deixar o culto a essas divindades, assim posso dizer.

Embora até então eu tenha me dedicado a dizer mais sobre os caboclos, me voltarei um pouco aos boiadeiros, que normalmente se fazem presentes também nos cultos. Puxando um contexto mais arquetípico, entidades e divindades como caboclos, boiadeiros, pretos-velhos, marinheiros e exus, fazem parte de uma gama cultural mais presente nos tempos intermediários do Brasil Colônia e Brasil Império. Estes “personagens” compunham o cenário cultural, sociocultural e até mesmo socioeconômico.

Traçando uma linha do tempo, e voltando ao início do período escravista, geograficamente os povos escravizados oriundos de Congo, Angola e países da costa sudoeste africana, foram direcionados para os engenhos e fazendas de cafés e cana de

açúcar nos interiores, não somente para a agricultura, mas também para a pecuária e para o garimpo. E é aí que atrelo a ligação e presença das divindades como os boiadeiros e vaqueiros inseridos também neste culto. Se torna um ledó engano imaginar que aqueles trazidos do além-mar eram apenas escravos, pois os impérios de Kongo e Ndongo eram sociedades formadas com todas suas ciências, tradições e estruturação. Dito isto, trouxeram consigo seus conhecimentos na lida da pecuária também. Com o avançar do tempo, da estruturação, da colonização extrativista fundada no Brasil e da miscigenação dos povos, tais conhecimentos foram passados pela oralidade e prática. Logo, talvez sejam também os boiadeiros herança genética desta fusão de raças e, nisto, terem carregado em seu sangue a hereditariedade africana e indígena. Assim, enxergo os boiadeiros com os caboclos, também conhecidos como caboclos boiadeiros.

Se posso sintetizar, não digo que são grupos de espíritos diferentes, mas sim da mesma família por um contexto temporal mais próximo, o que induz a crer do porquê da vinda conjunta deles nos cultos aos ancestrais.

Já caminhando para o fim deste breve relato, gostaria de também analisar algumas cantigas que são entoadas durante o culto. Na observação, pode-se constatar a ênfase e enaltecimento à pátria Brasil, bem como a ligação entre os dois povos, em cantigas como: *“Brasileiro, brasileiro, brasileiro, brasileiro, brasileiro Imperador, eu nasci cá no Brasil, sou brasileiro sim senhor!”*. Nota-se o clamor e identificação por sua terra natal.

“Salve a bandeira brasileira, são quatro cores para dividir. Verde, amarelo, azul e branco. São as cores do meu Brasil. O verde a esperança, o amarelo o desespero, azul e branco é a liberdade dos caboclos brasileiros”. E aqui, ao símbolo mor de sua terra. Faço um adendo no qual posso deduzir que tal desespero atrelado à cor amarela se liga à *“corrida do ouro”*.

“Se minha mãe é brasileira e meu pai imperador. O que é que eu sou? Sou brasileiro imperador!” Esta talvez registre até um pouco da miscigenação entre indígenas e brancos.

“Caminhei até chegar, numa tribo meio que desconhecida. Eu avistei o chefe daquela tribo, e aquele índio senhor foi meu guia. Eu perguntei aquele caboclo e respondeu no pé de uma Junça e me falou das ervas da Jurema na língua de Tupinambá... É de Marrumbaxetruê... É de Marrumbaxetruá. Aqui percebe-se talvez um breve relato do encontro dos povos e dos ensinamentos trocados, uma vez que na saudação *“Marrumbaxetro”* pode ser entendido como uma corruptela da palavra *“Hamba ietu”* que em tradução livre seria algo próximo de *“nossa divindade”*. O prefixo *“Ma”* indica plural,

perfazendo então *“nossas divindades”*. Desta forma tal saudação indica algo ligado às divindades e ao sagrado.

Para de fato concluir, em minha visão, os caboclos e boiadeiros no Candomblé de Angola/Congo são os símbolos dos nossos ancestrais brasileiros divinizados a quem podemos sempre recorrer com a benção e permissão de Nzambi ua Pongo, para nos ajudarem em nosso plano terreno em quanto evoluímos.

“Não há quem possa avaliar o amor de um pai o amor de uma mãe... só os caboclos é que podem avaliar o amor de pai o amor de uma mãe...” Somente quem é pai e quem é mãe é que pode dizer... só quem tem filho é quem sabe... mas todos nós somos filhos e filhas deles, portanto, somente eles é quem podem avaliar!

“Mina ora êh... Mina ora ah... mina ora êh sou de Angola!”

Enquanto tremular a bandeira de Kitembo, que nunca nos falte voz para entoar *“Xetro, Marrumba Xetro”*.

Makuiu a todos!

Recebido em: 20/05/2022

Aprovado em: 03/06/2022